



NICE AMERICANO DA COSTA

Informatização histórica

Ousadia e investimentos nos anos 90 tiram UFBA do atraso

Três semanas após assumir a Pró-Reitoria de Planejamento, em 1993, apresentei ao Conselho Universitário um documento no qual descrevia a situação encontrada na administração e apresentava a proposta de um conjunto de políticas e de ações urgentes.

Comparado com o de outras IFES, o estado da arte da informatização era de atraso e precariedade, produto de ações desarticuladas ao longo de anos; nunca houve um plano institucional. Na década de 60, a UFBA foi pioneira, criando um departamento, um curso e um Centro de Processamento de Dados.

Em outubro de 1993, a infra-estrutura de equipamentos era mínima. A arquitetura de rede proprietária, *main-frame* IBM 3090 e terminais escravos, quase ultrapassada, era insipiente; em rede, raras unidades e órgãos administrativos. As ferramentas computacionais e os sistemas corporativos não atendiam às demandas. Procedimentos corriqueiros ditos informatizados eram irracionais; a matrícula, por exemplo. O uso de ferramentas computacionais no ensino e na pesquisa era uma miragem. Mas pagávamos, à IBM, US\$ 200 mil/ano!

Nesse contexto de penúria geral e de demanda generalizada, sabia que não reverteríamos a situação, nem obteríamos os recursos necessários, se não se conseguisse o comprometimento político de todos para informatizar a UFBA institucionalmente, investindo em trabalho e qualificação e, ainda, inicialmente, recursos próprios.

O plano tinha três diretrizes: 1) implantação da infra-estrutura de rede, 2) criação de laboratórios aca-

dêmicos, ampliação da capacidade computacional e de sua capilaridade para fins acadêmicos e 3) informatização dos setores administrativos acadêmicos e de serviços; desenvolvimento de sistema de informações integrado. Impunha-se implantar uma rede baseada em protocolo TCP/IP de cliente-servidor, a tendência mundial. Ao mesmo tempo, aproveitar os meios existentes para produzir resultados durante a transição e substituição de tecnologia.

Um enorme desafio que significava uma outra plataforma de *hardwares* e *softwares*; obras de engenharia, recuperação de instalações e implantação de redes; microcomputadores, periféricos e sistemas para as sub-redes; atualização e treinamento de pessoal nas novas técnicas/linguagens; mais linhas LPCD e as providências jurídicas e administrativas exigidas.

A prova de fogo seria, no próximo semestre em fevereiro, realizar a matrícula de 17 mil alunos verdadeiramente *on line*, descentralizada, a partir das unidades.

Em seis meses, com investimento inicial de US\$ 350 mil, a Rede UFBA era uma realidade em processo. A Internet tornava-se corriqueira; a RNP se estendia além da UFBA. A rede de 40 km de fibra ótica que a UFBA desfruta hoje – invejada pela maioria das IFES e governos de estado –, foi produto da ousadia e coragem empenhadas em operações de alto risco que deu certo. Ao final de 1995 a informatização da UFBA era irreversível. Foram investidos R\$ 8 milhões de reais e fechados convênios com a IBM e a Microsoft de US\$ 3 milhões.

Em 1996 a internet chega em escala

para alunos, docentes e servidores, nas unidades de ensino e administrativas. Em 1997, o Programa de Informatização estava consolidado. A Rede UFBA, inteiramente em fibra ótica, própria, era uma realidade. Em julho de 1998, a UFBA era outra instituição. A informatização que Felipe Serpa e sua equipe deixavam na saída da Reitoria foi, integralmente concretizada num único reitorado.

Mesmo sem dispor de levantamentos estatísticos, ousou afirmar que o maior impacto da informatização da UFBA se deu sobre as atividades-fim. O avanço aí configurado foi de 50 anos em 5, quer se olhe para a pesquisa, para a formação de profissionais e para a interação da universidade com a sociedade.

O Projeto custou cerca de US\$ 6 milhões, neles toda a poupança de cerca de US\$ 4 milhões. Foi uma empreitada coletiva; uma maratona, que envolveu praticamente a todos, mas que não teria acontecido, como aconteceu, se não tivesse contado, fundamentalmente, com algumas pessoas e alguns setores; à frente destes, o CPD e, no CPD, especial destaque para Aloisio Oliveira Reis, a quem devemos a concepção, formatação e especificações técnicas da rede. Valeu CPD!

Parabéns pelos 30 anos que agora comemora! Mesmo longe, guardo a lembrança viva de uma bonita, fraternal e profissional parceria que produziu tais resultados para toda uma comunidade e por uma grande e nobre causa: uma universidade pública.

Nice Americano da Costa é Dra. em Física, professora adjunta do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, e foi Pró-Reitora de Planejamento e Administração da UFBA no período de outubro/93 a julho/98.